



O PAPEL DA IMPRENSA
NO CONFLITO ENTRE A

IGREJA E A MAÇONARIA

NA QUESTÃO RELIGIOSA NO PARÁ.

LUCAS ROGERIO TENÓRIO BARROSO

**O PAPEL DA IMPRENSA NO
CONFLITO ENTRE A IGREJA
E A MAÇONARIA NA QUESTÃO
RELIGIOSA NO PARÁ**

Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).

Esta publicação está licenciada sob [CC BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - Ufopa (Editor-Chefe)
Prof^a. Dr^a. Danjone Regina Meira - USP
Prof^a. Ms. Roberta Seixas - Unesp
Prof. Ms. Gleydson da Paixão Tavares - UESC
Prof^a. Dr^a. Monica Aparecida Bortolotti - Unicentro
Prof^a. Dr^a. Isabele Barbieri dos Santos - FIOCRUZ
Prof^a. Dr^a. Luciana Reusing - IFPR
Prof^a. Ms. Laize Almeida de Oliveira - UNIFESSPA
Prof. Ms. John Weyne Maia Vasconcelos - UFC
Prof^a. Dr^a. Fernanda Pinto de Aragão Quintino - SEDUC-AM
Prof^a. Dr^a. Leticia Nardoni Marteli - IFRN
Prof. Ms. Flávio Roberto Chaddad - SEESP
Prof. Ms. Fábio Nascimento da Silva - SEE/AC
Prof^a. Ms. Sandolene do Socorro Ramos Pinto - UFPA
Prof^a. Dr^a. Klenicy Kazumy de Lima Yamaguchi - UFAM
Prof. Dr. Jose Carlos Guimaraes Junior - Governo do Distrito Federal
Prof. Ms. Marcio Silveira Nascimento - UFRR
Prof. Ms. João Filipe Simão Kembo - Escola Superior Pedagógica do Bengo - Angola
Prof. Ms. Divo Augusto Pereira Alexandre Cavadas - FADISP
Prof^a. Ms. Roberta de Souza Gomes - NESPEFE - UFRJ
Prof. Ms. Valdimiro da Rocha Neto - UNIFESSPA
Prof. Dr. Jeferson Stiver Oliveira de Castro - IFPA
Prof. Ms. Artur Pires de Camargos Júnior - UNIVÁS
Prof. Ms. Edson Vieira da Silva de Camargos - Universidad de la Empresa (UDE) - Uruguai
Prof. Ms. Jacson Baldoino Silva - UEFS
Prof. Ms. Paulo Osni Silvério - UFSCar
Prof^a. Ms. Cecília Souza de Jesus - Instituto Federal de São Paulo

“Acreditamos que um mundo melhor se faz com a difusão do conhecimento científico”.

Equipe Home Editora

Lucas Rogerio Tenório Barroso

**O PAPEL DA IMPRENSA NO
CONFLITO ENTRE A IGREJA
E A MAÇONARIA NA QUESTÃO
RELIGIOSA NO PARÁ**

1ª Edição

Belém-PA
Home Editora
2024

© 2024 Edição brasileira
by Home Editora

© 2024 Texto
by Autor

Todos os direitos reservados

Home Editora
CNPJ: 39.242.488/0002-80
www.homeeditora.com
contato@homeeditora.com
91988165332
Tv. Quintino Bocaiúva, 23011 - Batista
Campos, Belém - PA, 66045-315

Editor-Chefe

Prof. Dr. Ednilson Ramalho

Projeto gráfico

homeeditora.com

Revisão, diagramação e capa

Autor

Bibliotecária

Janaina Karina Alves Trigo Ramos

CRB-8/009166

Produtor editorial

Laiane Borges

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

B277p

Barroso, Lucas Rogerio Tenório

O papel da imprensa no conflito entre a igreja e a maçonaria na questão religiosa no Pará / Lucas Rogerio Tenório Barroso. – Belém: Home, 2024.

Livro em PDF
28p.

ISBN 978-65-6089-108-1
DOI 10.46898/home.a86a0dae-eb7d-464d-9f32-9460c8532bbc

1. História do Pará. 2. Imprensa. 3. Igreja. 4. Maçonaria. I. Barroso, Lucas Rogerio Tenório. II. Título.

CDD 981.15

Índice para catálogo sistemático

I. História do Pará

APRESENTAÇÃO

Este trabalho aborda o surgimento e a importância da imprensa maçônica paraense no conflito contra a igreja no período da questão religiosa no Pará. Para realização deste trabalho foram utilizados jornais da época, como “O Pelicano” e o jornal “A Palavra”, ambos publicados em Belém do Pará.

A pesquisa se desenvolve inicialmente com a compreensão sobre a origem da maçonaria até sua chegada as terras Brasileiras e seus conflitos para se manterem em nosso país. Depois é mostrado como a maçonaria chegou no Estado do Pará e o surgimento da sua imprensa como meio de defesa e ataque contra seus ofensores. É importante debater no meio educacional, a ação e a influência da maçonaria na construção do Brasil da forma como o conhecemos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
MAÇONARIA E SUAS ORIGENS.....	8
A HISTORIOGRAFIA E A MAÇONARIA NO BRASIL.....	10
MAÇONARIA NO PARÁ	12
CONFLITO ENTRE IGREJA E MAÇONARIA	15
A MAÇONARIA E A QUESTÃO RELIGIOSA NO PARÁ	16
O PAPEL DA IMPRENSA NO CONFLITO ENTRE A IGREJA E A MAÇONARIA.....	18
OS REDATORES.....	20
O FIM DO PELICANO	21
A IGREJA CONTRA A MAÇONARIA NO SÉCULO 20	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo abordar o uso da imprensa no conflito de duas instituições no período da questão religiosa no Pará. Essas instituições foram a igreja e a maçonaria. Ambas se utilizaram dos jornais como meio de propagação de informações de extrema influência para se defender e, também, para atacar. Assim, a pesquisa propõe conduzir a uma reflexão de como a maçonaria teve extrema importância na construção do Brasil enquanto Nação independente, além de conquista das liberdades fundamentais que temos hoje em dia em nosso país tais como, liberdade de culto, Estado laico, fim do ensino atrelado à religião.

Para a realização deste trabalho, foram utilizados jornais da época como “O Pelicano” e o jornal “A Palavra”, que estão disponíveis no setor de periódicos da Fundação Cultural do Pará – CENTUR e no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, respectivamente. Além disso, foram utilizadas as obras dos autores Elson Luiz Rocha e Alan Christian Souza Santos e livros que tratavam do assunto, como o Grande Livro da Maçonaria, de Claudio Blanc, e Moral e Dogma, produzido por um membro de alta importância dentro da instituição maçônica, Albert Pike. Também, foram utilizados autores que abordam a chegada da maçonaria no Brasil e no Pará, como Manoel Barata e o Bispo Carlos José Boaventura Kloppenburg.

O presente trabalho, primeiramente, trata da origem mítica e histórica da maçonaria, suas crenças e valores e como a instituição se estruturou da forma como a conhecemos. Em seguida, aborda-se a chegada da maçonaria e como se deu a sua instalação no país, e quais foram seus líderes. Depois expõe-se a chegada da maçonaria ao Estado do Pará, onde ocorre a construção da primeira loja maçônica, que seria destruída e saqueada pelos cabanos, no ano de 1834, na cidade de Belém, e como se deu o processo de ressurgimento e a fundação de novas lojas em Belém. Será também explanado o conflito entre as duas instituições, suas origens, suas razões e o papel de suma importância da imprensa contra o que a maçonaria definiu como inimigos do pensamento livre.

2 MAÇONARIA E SUAS ORIGENS

Nesta seção será apresentada a origem da maçonaria, que é envolta de muitos mitos e mistérios, além de mostrar sua chegada ao Brasil, as circunstâncias e dificuldades de instalação, a formação de seus líderes e sua importância para os movimentos pela independência do país.

Há muitas lendas sobre a origem da maçonaria, associando-a aos mistérios persas, egípcios, gregos ou até mesmo à construção do templo de Salomão e, em uma visão mais atual, aos cavaleiros templários. Uma possível “origem” é ligada ao período da Idade Média, muito relacionada ao tipo de trabalho desempenhado pelos membros que foram os construtores dos castelos e igrejas (Arnaut, 2017, p.23).

Além do conhecimento técnico e científico que estes pedreiros possuíam, foi desenvolvida a criação de valores que se baseavam na democracia e no aperfeiçoamento do ser humano, e para que fosse possível proteger e ocultar o que sabiam sobre os segredos da geometria e a criação de tecnologias, optaram por se organizarem em grupos que só aceitavam passar seu conhecimento adiante quando os aprendizes conquistavam a total confiança de todos os outros membros. Esses valores e conhecimentos, foram passados ao longo da história possibilitando a fundamentação para o surgimento das atuais sociedades democráticas (Blanc, 2020, p.3).

A maçonaria passou por duas fases. A primeira diz respeito à operativa que estava relacionada ao conhecimento técnico de construção, no século XVI. No período da renascença, torna-se acessível para as pessoas a arte da construção. Isso faz com que o conhecimento que até então ficava restrito aos grupos de arquitetos se torne democrático, obrigando a maçonaria a passar por uma reforma interna, possibilitando que pessoas de outras áreas também pudessem fazer parte (Monteiro, 2009, p.16).

Com o adentramento dessas pessoas, que vinham de outras áreas do conhecimento, como filósofos, intelectuais e cientistas, os grupos que até então pretendiam apenas preservar seus segredos sobre construir e buscar auxílio entre si, passaram por uma grande mudança em toda sua estrutura (Monteiro, 2009, p. 16).

No século XVII, a maçonaria assume as características atuais, dando início à segunda fase, denominada especulativa, pois o conhecimento técnico é substituído por filosofia e esoterismo, transformando a maçonaria em uma instituição para interessados no humanismo e nos debates políticos e filosóficos do iluminismo. Se fortaleceu também a ideia de uma fraternidade sem preconceito com local, origem ou religião e isso nada mais era que do que o esgotamento

que a Europa vivia depois de vários conflitos baseados nestes fatores (Monteiro, 2009, p. 17).

Em 1723, a forma atual da instituição é compilada em um documento conhecido como As Constituições de Anderson. Nesse documento é criada uma noção de tolerância, pois agora o grupo passa a aceitar a crença em Deus e o membro não precisa ser de uma religião específica. Só há uma única regra: ser um indivíduo de bom costume. Na fase especulativa, a construção de templos de pedra é substituída por polir o ser humano, representado pela pedra bruta (Monteiro, 2009, p.17).

Segundo Albert Pike, em sua obra *Moral e Dogma*, a força dos indivíduos utilizada de forma desequilibrada se torna tão destrutiva quanto a força da natureza. Para ele, tal energia deve ser gerenciada pela razão, trazendo sabedoria e harmonia (Pike, 2011, p.11,12).

3 A HISTORIOGRAFIA E A MAÇONARIA NO BRASIL

A primeira menção à maçonaria no Brasil é registrada em um manifesto feito no ano 1832 por José Bonifácio. Foi endereçado aos maçons de outros países, comunicando-os que seria instalada uma loja simbólica regular pertencente ao Grande Oriente francês, no ano de 1801. Sendo assim, foi fundada no ano posterior uma loja na Bahia que também fazia parte do mesmo Oriente (Kloppenburger, 1957, p.15).

Ao serem informados que no Brasil havia uma loja que pertencia ao “Grande Oriente francês”, o “Oriente de Portugal” toma a decisão de enviar, no ano de 1804, um delegado com o objetivo de que fosse conquistada adesão dos maçons do Brasil. Embora tenham sido fundadas duas lojas, Constância e Filantropia, o delegado foi infeliz na conclusão de seu objetivo.

Na Bahia, a instituição estava prosperando tanto que em 1807 é fundada a loja denominada Humanidade, e no ano de 1813 outra loja, totalizando três lojas, surgindo assim o primeiro Grande Oriente. Porém, como a revolução de 1817 foi uma verdadeira tragédia, este oriente, junto com suas lojas, encerrou as atividades (Kloppenburger, 1957, p.15).

No ano de 1809, em Pernambuco, foi fundada uma loja que tinha como objetivo servir como núcleo para outras três lojas e também ser uma loja provincial, mas como focou muito em questões políticas suas atividades foram suspensas em 1817. No Rio de Janeiro foi feita uma nova tentativa com as lojas Distintiva e São João de Bragança. A primeira foi fundada no ano de 1812 em São Gonçalo da Praia Grande ou Niterói e a segunda foi fundada na Corte sem o conhecimento de D. João VI, entretanto, essas lojas tiveram uma existência bem rápida (Kloppenburger, 1957, p.15).

No ano de 1815, foi fundada uma loja com o nome Comércio e Arte. Esta loja obteve afiliação numerosa de maçons, que vinham de uma loja denominada Reunião, e assim se iniciou um tempo mais duradouro para a maçonaria no Brasil. Todavia, essa loja só conseguiu se estabelecer de fato somente no ano de 1821, após passarem pelo decreto de D. João VI que proibia sociedades secretas sobre acusações de conspiração contra o Estado (Kloppenburger, 1957, p.15).

Após conseguir superar as dificuldades, a loja Comércio e Arte reuniu estadistas, autoridades e personalidades e como o pensamento da Independência estava em alta a loja tomou como seu objetivo maior a campanha pela independência, porém, se fez necessário que esta loja se tornasse independente do Oriente de Portugal, então, em 22 de maio de 1822 a loja se torna o Grande do Brasil (Kloppenburger, 1957, p.15).

A maçonaria especulativa estava absorvendo os valores iluministas e isso serviria fortemente como base para a doutrina liberal, que defende

o que conhecemos como liberdades fundamentais, que são o livre pensar, um estado constitucional de direito que garanta e proteja a pluralidade e a democracia, o livre comércio e autodeterminação dos povos. Essas ideias fizeram parte da mentalidade dos revolucionários que lutaram pela causa.

Uma vez que a instituição estava completamente mergulhada nesses valores, ela passou a participar dos movimentos pela independência, tendo se colocado na política totalmente contra o absolutismo. Nas Américas, ela tinha características do libertarianismo, combatendo a opressão feita por Portugal e atraindo as pessoas para o iluminismo. No Brasil, os líderes maçons que fizeram parte da luta pela Independência foram José Bonifácio, Gonçalves Ledo e, posteriormente pelo auxílio dos dois, o imperador D. Pedro I, que foi iniciado em 02 de agosto de 1822 (Monteiro, 2014, p.40,41).

4 MAÇONARIA NO PARÁ

Nesta seção, será traçada a trajetória dos maçons no Pará. Será mostrada primeiro a construção da primeira loja, sua localização, seus principais membros e o que levou a destruição dessa primeira loja, e como se deu o ressurgimento da instituição no Pará.

Muitos estudos sobre a maçonaria vêm sendo feito nos últimos anos. De acordo com o historiador Alan Christian Souza Santos (2011), a maçonaria é uma instituição que se preocupa em contar sua própria trajetória histórica.

No esboço histórico elaborado pelo maçom Archimimo Lima para o boletim do Grande Oriente do Brasil em 1915, a maçonaria foi apresentada como uma instituição que muito teria concorrido para as renovações político-sociais do povo paraense. Sem falar dos supostos "trabalhos" realizados pelos maçons antes e na época da independência nacional, mas reconhecendo que estes prepararam os "alicerces" para a "adesão imediata" do Pará ao grito do Ipiranga (Santos, 2011, p. 28).

A origem mais antiga da maçonaria em solo paraense pode ser traçada até 1810, quando é relatada a presença de Frei Luiz Zagalo, que foi acusado de ser um apóstata e maçom. Ele teria chegado em Belém no ano de 1815 influenciando com seus ideais o dono de escravo e cônego, Batista Campos.

Segundo Vicente Salles, que é referência na historiografia sobre a trajetória da maçonaria no Pará, o frei teria vivido em Cametá, fazendo pregações em que divulgava suas ideias entre os escravos, assim como em Belém, onde afirmava que na época da liberdade e da igualdade nenhum homem deveria dominar seu semelhante. Após isso, haveria sua expulsão do Pará. (Monteiro, 2014, p.42)

Este autor teceu alguns comentários sobre a circulação de maçons no Pará no início do século XIX. Lembrando os episódios da Revolta de Caiena, "quando uma multidão escrava lutou pela liberdade mediante a supressão do elemento branco", Salles pondera que entre Belém e a capital da Guiana Francesa havia relações de comércio, amizade e contrabando de escravos e outros gêneros. Contudo, em 1809, "a praça de Caiena foi conquistada por uma força paraense,

de 600 homens, em represália à invasão de Portugal por Junot" (Santos, 2011, p. 28).

A primeira loja maçônica no Pará é revelada por Manoel Barata na obra "Formação histórica do Pará". Segundo esta obra, a primeira loja foi instalada sob o apoio do Barão de Itapicurumirim em 22 de janeiro de 1831, na casa do Almojarife dos armazéns da Marinha, Gaspar Corrêa Vasconcellos. Ela estava localizada onde hoje é a rua Saldanha Marinho, canto com a Aristides Lobo. Essa casa foi construída no século XVIII, no primeiro quartel e tinha como proprietário o coronel João Henrique de Mattos (Barata, 2014, p.333).

Em 1833, foi proposto para ser aceito como membro o Cônego Baptista Campos e o presidente da Província, o Tenente-Coronel do Exército José Joaquim Machado de Oliveira, sucessor de Itapicurumirim, porém a proposta foi rejeitada e por essa rejeição o Cônego tratou de inflamar as pessoas com pouco conhecimento contra a maçonaria (Barata, 2014, p.336).

Nos lares e nas igrejas, era dito que a maçonaria possuía origem infernal, vinda para combater a igreja e seus membros. Por conta disso, todo cristão deveria fazer uma guerra contra a instituição, para impedir que seus objetivos se concluíssem, e para que estas ideias propagadas tivessem mais êxito foi dito que a maçonaria queria a abolição da escravatura e não ela teria respeito algum pela propriedade. Além dessas propagandas falsas, foram criadas muitas lendas, em que se dizia que os maçons faziam em suas reuniões a invocação do diabo para que ele se fizesse presente através de um bode (Barata, 2014, p.336).

Com essas propagandas e o uso dessas lendas, o Cônego conseguiu inflamar as mentes das pessoas fanáticas e no dia 7 de janeiro de 1834 muitos cabanos invadiram a cidade gritando "morram os maçons, viva a nossa religião!" Após os assassinatos, se seguiu o assalto da loja maçônica, que foi destruída (Barata, 2014, p.336).

Após a destruição da primeira loja, os maçons só voltariam a se erguer novamente na segunda metade da década 1850, fundando nas décadas posteriores outras lojas, Entre 1850, 1860 e 1870; sendo fundada em 1857 a loja Harmonia, Firmeza e Humanidade; a Cosmopolita em 1864; e a Renascença em 1872. Para concluir os números de lojas que foram abertas no ressurgimento, é fundada no ano de 1872 a Aurora. Essas lojas tiveram grande participação nos processos políticos e sociais da época, como a questão religiosa, a libertação dos escravos, o ensino laico e a separação entre Estado e a igreja (Monteiro, 2014, p.46).

O grande primeiro evento que marcou de forma forte e expressiva a presença maçônica foi a questão religiosa, que foi um momento em que

houve produções de jornais feitos por maçons e financiados por instituições disputando a opinião com a igreja católica, no ano de 1870 (Monteiro, 2014, p.52).

5 CONFLITO ENTRE IGREJA E MAÇONARIA

A maçonaria como já descrita não é uma religião, mas aceita a noção de Deus e por isso todas as religiões são aceitas. Embora considere nocivos e combata o fanatismo e a superstição, sempre houve entre os membros pessoas de igrejas católicas e protestantes, porém não é difícil encontrar conflitos entre o grupo e a igreja, resultados de visões impregnadas de preconceito. Uma das manifestações desse conflito foi a bula papal *In Eminentissimi* que excomungava os católicos envolvidos na maçonaria (Arnaut,2017, p.65).

Nesta seção será abordado como se dá a construção destes conflitos nas terras do Pará e o papel da imprensa neste evento

6 A MAÇONARIA E A QUESTÃO RELIGIOSA NO PARÁ

Em 1870, a cidade de Belém passava por um período de grande desenvolvimento nas áreas sociais tecnológicas e políticas. Este momento foi denominado *Belle Époque*, e passaram a ser questionados quais rumos o país deveria tomar, modificando toda uma sociedade estruturada no modelo imperial. Este momento também foi marcado pela questão religiosa, que expõe as opiniões católicas e de setores liberais como a maçonaria (Santos, 2009, p.4).

A questão religiosa ocorre no Brasil quando a encíclica papal *quantum cura*, que proibia os fiéis de se afiliarem à maçonaria é lançada, porém este documento não foi reconhecido pelo imperador, impedindo sua validação. Essa recusa da validação ocorre devido muitos dos ministros do imperador serem membros da instituição, tais como o presidente do conselho de ministros, José Maria da Silva Paranhos, visconde de Rio Branco, que era o Grão-mestre das lojas do Rio de Janeiro, além de D. Pedro I, que também fora um grão-mestre. Essa atitude gerou uma grande revolta nos bispos de Olinda e do Pará.

Esta crise teve seu início quando o Visconde de Rio Branco recebe em 1872 um elogio de Almeida Martins, um padre que fazia parte da maçonaria. Após este ato público, ele é suspenso da igreja pelo bispo do Rio de Janeiro, o que foi seguido por extrema perseguição aos maçons (Monteiro 2014, p.59).

No Pará, o impasse entre o bispo e maçons já e era algo que vinha desde Batista Campos e a loja que o rejeitou, a Tolerância, que posteriormente foi destruída pelo movimento cabano. É possível afirmar que a destruição feita não foi resultado unicamente da frustração do Cônego, mas também de ações tomadas pelo Bispo Dom Romualdo Coelho que já havia se manifestado contrário a instituição através de uma pastoral em 28 de maio do ano de 1834 (Rocha, 2014, p.70).

De acordo com Monteiro (2014), esse conflito se intensifica em 1870, tornando-se a nível ideológico entre maçons e o catolicismo, quando o bispo de Belém, D. Macedo, que pertencia à elite clerical mais conservadora usou de sua diocese para denunciar, ainda que sem o apoio do Imperador, o que o Papa definia como erros modernos, entre os quais estava incluída a maçonaria, e devido às acusações do bispo houve uma movimentação dos maçons para dar uma resposta, dando início ao papel da imprensa maçônica, na tentativa de justificar os objetivos sociais da instituição. Conforme Santos (2009, p.5), na segunda metade do século XIX, maçons e católicos se utilizam da imprensa para terem uma forte disputa.

Para os maçons, as ideias ultraconservadoras e os jesuítas deveriam ser combatidos em nome da luta do avanço, e para isso teriam

como arma a imprensa. Eles pretendiam utilizar o jornalismo para vencer seus inimigos, que foram considerados perseguidores do pensamento livre. Esse objetivo é mostrado na página 4 da primeira edição do jornal O Pelicano de 1872, nesta notícia a instituição diz que em nome dos três pilares da maçonaria – fé esperança e caridade – tomariam a palavra para reagir contra preconceitos e insinuações que existem há séculos contra a fraternidade.

Portanto, a figura de D. Macedo Costa e suas ideias ultraconservadoras se tornam uma base sólida para a maçonaria paraense justificar a necessidade da existência de sua própria imprensa (Santos, 2011, p.26).

7 O PAPEL DA IMPRENSA NO CONFLITO ENTRE A IGREJA E A MAÇONARIA

Ao fim do século XIX, maçons e católicos estavam em um momento de extrema tensão no Brasil e outros países. Em Portugal, por exemplo, essa tensão iniciou-se quando o jornal “Echo de Roma” fez uma publicação criticando uma ata maçônica. A publicação tinha como objetivo mostrar as contradições entre a maçonaria e as doutrinas da igreja e expor as doutrinas das lojas paraense e a fluminense, além de afirmar que o ódio maçom havia se espalhado pelo Brasil e por isso esta obra deveria ser lida pelos bispos do Rio e do Pará (Santos, 2011, p.24).

Após esses conflitos terem se intensificado, houve no país produções e publicações maçônicas e o Pará passou a contar com três periódicos: o Flammigera, Pelicano e o Filho da Viúva. Entre os três, o primeiro se destaca por sua grande importância e por ter sido o símbolo da instituição no Pará. Se por um lado era dito pelo “Echo de Roma” que os católicos eram vítimas da ira maçônica, os maçons se defendiam através do jornal “O Pelicano”, afirmando que o bispo de Belém estava agindo unicamente por fanatismo e superstição, se utilizando das páginas dos periódicos religiosos. Para os maçons, as ideias ultraconservadoras e os jesuítas deveriam ser combatidos em nome da luta do avanço e teriam como arma a imprensa.

Em uma manchete do jornal “O Pelicano” é possível ver que jesuitismo é considerado o maior inimigo da igreja, pois os jesuítas teriam se corrompido pela sede de poder, causando inúmeros crimes, a ponto de serem comparados aos demônios (“os anjos que se corromperam”) (O Pelicano, 1872. p. 2-4). Eles pretendiam utilizar o jornalismo para vencer seus inimigos, ao quais foram considerados perseguidores do pensamento livre.

Apesar do conflito com a igreja ser o estopim para o surgimento da imprensa maçônica, a questão religiosa não pode ser considerada como o único fator. Assim, o processo histórico se limita a uma visão de causa e consequência onde as ações maçônicas são explicadas através dos posicionamentos do clero. Pois, não considera o fato que a maçonaria tem sua existência para além do conflito com a igreja, deixando de lado elementos que tonam possíveis esses serem manifestados (Santos, 2011, p.26).

Apesar de aspectos semelhantes, este conflito não foi uma repetição de algo que já tenha ocorrido. O conflito paraense trouxe lembranças aos maçons de que sua instituição não resistiu a ataques que vieram de setores conservadores, além caírem no desgosto da população. Dessa forma, esse momento bota em risco a capacidade do grupo de se

manterem ativos. A imprensa foi escolhida devido o alcance que este meio de comunicação tinha (Santos, 2011, p. 26-27).

“O Pelicano”, que foi o principal jornal sobre notícias e atividades maçônicas, foi dirigido por uma pessoa de extrema relevância para a maçonaria, Dr. Joaquim José Assis. Ele noticiava eventos importantes sobre a abolição, eventos maçônicos e sobre a questão religiosa. O jornal provia estudos e debates relacionados a literatura, ciência e arte, além de defender as ideias maçônicas (Monteiro, 2014, p.98,106).

No início de 1870, a questão religiosa faz com que os maçons se mobilizem com a criação de diversos jornais para responder e se defender de publicações católicas. Esses ataques vinham do jornal portavoz católico “A Boa Nova”, o que levou os maçons a usarem publicações em jornais da instituição ou profanos (não maçons) (Rocha, 2014, p. 98).

Devido a esses ataques, os maçons se uniram e criaram “O grande Oriente Unido do Brasil”. Este novo poder foi dominado pelo Grande Oriente dos Beneditinos, e se envolveu em assuntos relacionados a República e a abolição. (Monteiro 2014, p. 104).

A questão religiosa serviu como fortalecimento aos posicionamentos da maçonaria para o fim da escravidão. A igreja católica condenava a maçonaria, mas não fazia o mesmo em relação a escravatura e isso foi usado pelos maçons para lançarem suas críticas à igreja brasileira (Monteiro 2014, p. 104).

8 OS REDATORES

Uma das características que a maçonaria tem é o sigilo e o anonimato. As aparições só aconteciam quando havia necessidade. Sendo assim, a instituição usou seu periódico como tática de se revelar para se defender, mas sem revelar os segredos. Essa forma de agir, que ia entre revelar-se e se esconder, pode ser vista nas publicações que eram feitas sem identificar o autor. Embora essa tática fosse usada para se ocultar os redatores afirmavam que a maçonaria estava se permitindo ser conhecida por todos que tinham interesse, e assim derrubando as acusações sobre suas ações (Santos, 2011, p.48).

Entres os redatores dos periódicos encontra-se o Padre Eutichio Pereira Rocha, que por ter tido uma grande presença na produção dos jornais maçons paraenses é reverenciado como base da imprensa. Embora com menos influência, havia outros redatores, como o Cônego Ismael Sena Ribeiro Nery, que durante a questão religiosa foi de grande auxílio para Eutichio (Monteiro, 2009, p.59).

9 O FIM DO PELICANO

Antes de deixar de existir, ele recebeu no Rio de Janeiro uma circular solicitando assinaturas de cidadãos que tinham interesse em receber liberdade de culto na secularização do Estado. Esta atitude estava acontecendo em todo o Brasil. Quando houvesse assinaturas suficientes, elas seriam enviadas à Assembleia Legislativa com os seguintes termos: liberdade de culto, Estado e ensino público laicos, casamento civil obrigatório, secularização dos cemitérios. 19 Essas medidas só foram colocadas em prática quando houve a Proclamação da República em 1889. Então, o jornal “O Pelicano” se dissolveu e o bispo do Pará foi preso. Assim, a maçonaria nunca mais teve uma imprensa oficial, embora tenha continuado aparecer nos jornais nos anos de 1874 em uma publicação no jornal A Boa Nova, que a maçonaria, junto com o liberalismo, estaria pregando ideias que nada mais eram do que pecado, visto que a liberdade de consciência era a negação da obediência a Deus. A liberdade de culto iria trazer confusão e a mistura de doutrinas católicas com ensinamentos pagãos, além da liberdade de ensino e de imprensa significaria deixar de lado o respeito e abraçar a ofensa à religião e o catolicismo (Santos, 2011, p.117).

10 A IGREJA CONTRA A MAÇONARIA NO SÉCULO 20

Mesmo após o fim da questão religiosa e o fim do conflito com o bispo de Belém, a maçonaria não deixou de ser atacada pelos jornais católicos. Nos anos que percorreram até 1934, circulava pela cidade o jornal "A Palavra". Neste jornal, a instituição maçônica foi atacada em algumas notícias, como na edição 1960 de 28 de junho de 1931, que afirmava que o ensino religioso não representa nenhum atentado à liberdade de consciência, afirmando que os únicos que pugnavam contra não passavam de um grupelho de seitas mergulhadas em crescimento incontrolado de doutrinas baseadas no agnosticismo. [...] Foi provado, como está à sociedade que no decreto recentemente promulgado sobre o ensino religioso, não houve atentado à liberdade de consciência, nem tampouco quebrantamento do princípio de igualdade, como justificar a attitude dos que pugnam pelo ensino laico? Grupelhos de maçons, espiritas, protestantes, positivistas, brotam por ahi afóra num afan incontido de agnosticismo. Em defesa da Egreja (A palavra, 1931, p. 1).

Além do ano de 1931, os maçons também sofreram ataques no ano de 1934. Na edição de número 2.612, de 9 de setembro de 1934, em uma manchete denominada "A maçonaria", é dito que a maçonaria é uma sociedade oculta de exploração que alicia pessoas fracassadas e inconformados 20 (...) A maçonaria é uma sociedade anonyma de exploração dos povos, a maçonaria concentra falidos conscientes e candidatos a falência. A maçonaria alicia todos os fracassados inconformados, a maçonaria arrebanha individuos alma de borracha. A maçonaria congrega funcionarios, acendo-lhes com promoções, para ingles ver. A maçonaria promete como sem falta e falta sem dúvida. A maçonaria é como aquelas bancas engulideiras que no cariri, funcionavam, após, à sedição do joazeiro. A maçonaria concentração de quebrados mal-intencionados. (A Palavra, 1934, p 2.) Assim, os jornais foram importantes fontes de debate sobre a maçonaria. Debates esses que percorreram os anos.

De acordo com Alan Christian de Souza Santos (2011), "Arena jornalística" era uma expressão muito utilizada pelos redatores quando almejavam se reportar aos debates mantidos entre os diversos periódicos que circulavam na capital paraense na década de 70, do século XIX. O termo se refere à importância que os jornais ocupavam no dia-a-dia das pessoas, principalmente dos círculos letrados da população, mas não apenas deles, lembrando que dependendo da notícia ela podia se propagar pelo burburinho ou "boca a boca", pois "em tempos que não havia rádio e televisão, o jornal tinha de dar conta de uma série de aspectos sociais que transitavam entre o noticioso e o ficcional" (Santos, 2011, p. 106). Dessa maneira, "a imprensa se tornou foro de discussão

dos maçons a despeito da Questão Religiosa. Nessa "arena jornalística" digladiavam-se representações do social" (Santos, 2011, p. 106).

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procurei demonstrar os aspectos envolvendo os conflitos entre igreja e maçonaria, especialmente por meio da imprensa. Para isso, foi necessário trabalhar com autores que nortearam o aporte teórico da nossa discussão e das fontes históricas como os periódicos. Também, procurei mostrar as origens da maçonaria desde as lendas a algo mais aceito entre os estudiosos sobre sua origem histórica. Foram abordados os processos que contribuíram para a estruturação da instituição da maneira como a conhecemos atualmente como as suas duas fases, o processo de abertura que possibilitou a entrada de pessoas de áreas de conhecimentos diferentes que ocasionou uma reorganização completa no grupo. Portanto, podemos observar a chegada da maçonaria no Brasil e suas dificuldades em se instalar no país. Sua tentativa de sucesso e fracasso em inaugurar lojas pelo Brasil e seu auxílio no processo de Independência. E, posteriormente, seu conflito com a igreja no século XIX, o que ocasionou a fundação dos jornais, os debates da imprensa e a conquista de liberdades fundamentais como a liberdade de culto. Este trabalho pode contribuir para o debate e interesse pelas pesquisas relacionadas a maçonaria. Tornando a maçonaria como objeto de estudo de outros pesquisadores. Especialmente acerca do papel desta instituição na sociedade, suas contradições e conflitos que evoluíram sua trajetória, formação e constituição no Pará.

FONTES CONSULTADAS:

O Pelicano. Belém, 24 junho de 1872

A Palavra, Belém, 28 de junho de 1931

A Palavra, Belém, 9 de setembro de 1934

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAULT, Antônio Duarte. **Introdução a Maçonaria**. 8. ed. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2017.

BLANC, Claudio. **O grande livro da maçonaria**. 1.ed. Barueri: Camelot, 2020.

BARATA, Manoel de Melo Cardoso. **Formação Histórica do Pará**. Edição comemorativa do sesquicentenário da adesão do Pará à independência política do Brasil. Belém: Universidade Federal do Pará, 2014.

KLOPPENBURG, Boaventura. **A Maçonaria no Brasil**. Vozes, 1957.

MONTEIRO, Elson Luiz Rocha. **A Maçonaria e a campanha abolicionista no Pará: 1870-1888**. 2017. p.59. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

MONTEIRO, Elson Luiz Rocha. **Maçonaria, poder e sociedade no Pará da segunda metade do século XIX: 1850-1900**. 2014.p 104. Tese (Doutorado em história social) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2014

PIKE, Albert. **Moral e dogma**. Birigui:yod, 2011.

SANTOS, Alan Christian de Souza. **Construção social dos pedreiros-livres: A maçonaria e a atuação dos maçons paraenses (1870-1917)**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXV., 2009, Fortaleza.

SANTOS, Alan Christian de Souza. **O que revelar? O que esconder? Imprensa e maçonaria no findar do dezenove (Pará, 1870-1892)**. 2011, p.26,27. Dissertação (Pós-Graduação em História) - Universidade Federal do Pará, do Pará, Belém, 2011.

O PAPEL DA IMPRENSA NO CONFLITO ENTRE A IGREJA E A MAÇONARIA NA QUESTÃO RELIGIOSA NO PARÁ

Este trabalho aborda o surgimento e a importância da imprensa maçônica paraense no conflito contra a igreja no período da questão religiosa no Pará. Para realização deste trabalho foram utilizados jornais da época, como “O Pelicano” e o jornal “A Palavra”, ambos publicados em Belém do Pará. A pesquisa se desenvolve inicialmente com a compreensão sobre as origens da maçonaria até sua chegada as terras Brasileiras e seus conflitos para se manterem em nosso país. Depois é mostrado como a maçonaria chegou no Estado do Pará e o surgimento da sua imprensa como meio de defesa e ataque contra seus ofensores.

Home Editora
CNPJ: 39.242.488/0002-80
www.homeeditora.com
contato@homeeditora.com
91988165332
Tv. Quintino Bocaiúva, 23011 - Batista
Campos, Belém - PA, 66045-315

